

É notório o caminho através do qual a arte tem estabelecido renovadas (e complexas) relações com o âmbito da política, ao longo do último século. Desde as vanguardas históricas, passando pelo debate sobre os avatares do modernismo, pela injunção contracultural das décadas de 60-70, até ao confronto mais recente entre as linguagens subsumidas pelo mercado comunicacional e os gestos de resistência que se ampliam a partir do testemunho e da intimidade. O dossiê temático que integra este número da *Revista Estudos do Século XX* interessa-se por pensar exatamente esta questão, propondo a sua leitura à luz de um movimento de “politização”, “despolitização” e “repolitização” presente no campo das artes, denotando aproximações e desvios em relação à agenda política presente num conjunto diverso de obras, trajetórias artísticas e contextos disciplinares.

A questão da censura é, portanto, uma das que estrutura esta discussão, tendo sido um tema recorrente no século XX, tempo marcado por ciclos de governos ditatoriais ao redor de todo o mundo, que, efetivamente, definiram não apenas a natureza da arte produzida em si, como sobretudo a circulação de obras e artistas. O artigo de Jorge Seabra e Cristina Lopes *Censura e Cinema em Portugal – O Funcionamento da Comissão de Censura (1945-1952)* tem como interesse central expor o funcionamento, organização e constituição da primeira Comissão de Censura (1945-1952), órgão criado pelo Estado Novo para fiscalizar os espetáculos em Portugal. Este artigo, além de desenvolver historicamente o surgimento e a duração da censura em Portugal no âmbito do cinema, mais especificamente durante o Estado Novo, questiona e aponta a forma através da qual a censura funcionou como o principal modulador da opinião pública em Portugal.

Ainda no âmbito do cinema, o artigo de Sérgio Dias Branco *Nas Flores Vermelhas: Três Estudos sobre a Revolução de Outubro e o Cinema* desenvolve três pistas de análise sobre os desdobramentos da Revolução de Outubro e a sétima arte, ainda no contexto da União Soviética. As três linhas de investigação apontam questões convergentes para a relação entre o cinema e a política desde a Revolução de 1917. Em primeiro lugar, mudanças na estrutura de produção trazida pela revolução. Em segundo lugar, o texto centra-se na vanguarda que emergiu durante o processo revolucionário. E, por último, direciona a atenção para um filme, *Outubro (Oktyabr, 1927)*, realizado por Sergei Eisenstein e Grigoriy Aleksandrov, que trata da representação e celebração dos eventos ocorridos dez anos antes. A conjugação destas linhas de investigação permite traçar um retrato que se quer complexo sobre a importância política e cultural da arte cinematográfica: do modo como ela passou simultaneamente por uma revolução estética; e da forma como os acontecimentos revolucionários foram projetados no ecrã pelo cinema soviético, no contexto e no rescaldo da Revolução de Outubro de 1917.

Vânia Rodrigues convoca em modo irónico o encontro e as tensões que se instalam entre os protagonistas dos modos de produção teatral, no ensaio intitulado *Um artista, um produtor e um político entram num bar: modos e modelos de trabalho nas artes performativas*. A autora dedica uma atenção especial ao modo com a situação atual se caracteriza ainda por relações assimétricas e hierarquizadas, apesar da implicação crescente entre a ação de produtores e criadores, num tempo que pede cada vez mais novas formas de participação e novas dinâmicas colaborativas. A reflexão desenvolvida aparece-nos documentada por testemunhos e experiências profissionais de várias gerações. A política que o título convoca é a própria escala da ação que falta hoje, pois uma alteração de paradigma supõe refazer um edificado entretecido por relações contratuais, modelos de gestão, modos de financiamento e caminhos de legitimação nem sempre convergentes.

Organizado como um estudo de caso, o artigo *Royal Court Theatre. Um Espaço Politizado*, de Ricardo Correia, descreve e analisa a consolidação de um projeto de dramaturgia que veio a ser uma referência dominante na relação entre teatro e política na cena contemporânea. Partindo da ação fundadora de George Devine, com a *English Stage Company*, o autor descreve as diversas fases e transformações vividas em mais de meio século pelas diversas gerações de criadores associados ao Royal Court. A também designada casa do New Writing, enquanto lugar para a experimentação com o diálogo, a forma dramática e as possibilidades da escrita para o teatro, aparece-nos como um laboratório autoral com traços distintivos no contexto internacional. Estas características destaca-se o modo como a aproximação entre a escrita e o palco ocorre em grande medida sob a égide daquilo a que a investigadora Carol Martin designou como “teatros do real”, mas também por regimes colaborativos de criação, com uma identidade própria, como o chamado “devised theatre”.

Eduardo António Margarido procede finalmente no ensaio intitulado *De Agamben à Ação Psicossocial em Carmona* – *A Biologia do Colonialismo* a uma análise minuciosa do olhar colonial enquanto ordem exposta pela montagem e pela manipulação das imagens em diversos registos documentais gerados durante o período colonial português. O autor parte do conceito de “biopolítica” lançado por Michel Foucault e da sua migração para a conceptualidade de Giorgio Agamben, nomeadamente no modo como o filósofo italiano distingue entre “zoé” e “bíos” na constituição da soberania que definirá o “homo sacer”. Recorrendo ao método de Yervant Gianikian e Angela Ricci Lucchi, aplicado-o à análise de *footage* produzida pelo aparelho militar colonial português, o filme “Ação Psicossocial em Carmona” mostra-nos como o processo de transformação de “zoé” em “bíos” é revelado e apercebido pela imagem produzida. Observadas para além da sua aparência, da sua escala e da sua montagem, as imagens mostram-se como fragmentos e testemunhos do medo, da violência e da doutrinação que foram parte central da dominação e da propaganda colonial portuguesas.

António Pedro Pita
Fernando Matos Oliveira
Michelle Sales